

V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en
Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos
Aires, Buenos Aires, 2013.

Processo de intervenção psicopedagógica em portadores de necessidades especiais: ataxia cerebelar e deficiência intelectual moderada.

Da Silva Gonçalves Fernandes, Janaína.

Cita:

Da Silva Gonçalves Fernandes, Janaína (2013). *Processo de intervenção psicopedagógica em portadores de necessidades especiais: ataxia cerebelar e deficiência intelectual moderada*. V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-054/420>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/edbf/98U>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

PROCESSO DE INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS: ATAXIA CEREBELAR E DEFICIÊNCIA INTELLECTUAL MODERADA

Da Silva Gonçalves Fernandes, Janaína
Centro Universitário FIEO - UNIFIEO. Brasil

Resumen

Este estudo teve como objetivo principal realizar uma análise compreensiva do processo de aprendizagem de duas crianças - pacientes da Clínica de Psicopedagogia Unifio - portadores de necessidades especiais. Estes sujeitos foram encaminhados ao psicopedagogo para a referida clínica, por apresentarem dificuldades de aprendizagem e realizavam atendimento interventivo com sessões com uma hora de duração, uma vez por semana, no período de dois meses, totalizando oito sessões. Os dados foram coletados e transcritos para posterior análise e foram analisados a partir de autores que fundamentam a práxis psicopedagógica. Consideramos no final das sessões que os sujeitos que possuem necessidade especial podem ter a possibilidade de conseguir buscar outras vias para facilitar o seu acesso ao conhecimento com o apoio de ensinantes dispostos a compreendê-los.

Palabras clave

Psicopedagogia, Necessidades especiais, Intervenção

Abstract

PEDAGOGICAL INTERVENTION PROCESS IN WITH SPECIAL NEEDS: CEREBELLAR ATAXIA AND MODERATE INTELLECTUAL DISABILITY
ABSTRACT This study aimed to perform a comprehensive analysis of the learning process of two children - patients, Clinical Psychology Unifio - people with special needs. These subjects were referred to the educational psychologist to the clinic, because they have learning difficulties and performed with care interventional sessions with an hour long, once a week, in two months, a total of eight sessions. The data were collected and transcribed for later analysis and were analyzed from authors that underlie pedagogical praxis. We consider the end of the sessions that subjects who have special needs may be able to achieve seek other avenues to facilitate their access to knowledge with the support of ensinantes willing to understand them.

Key words

Educational psychology, Special needs, Intervention

O objetivo deste estudo foi o de compreender a importância do olhar psicopedagógico, através do processo interventivo desenvolvido em duas crianças portadoras de necessidades especiais, que demandam atendimento na clínica de psicopedagogia da Unifio. As dificuldades oriundas de problemas neurológicos podem levar o sujeito ao fracasso escolar, podendo estender ao desgaste organizacional em outros setores interligados a subjetividade deste sujeito como: a família, a dinâmica relacional e social, prejudicando a sua estrutura pessoal.

Paín (2007, p15) considera a aprendizagem como “um lugar de articulação de esquemas. Nesse lugar coincidem um momento histórico, um organismo, uma etapa genética da inteligência e um sujeito associado a outras tantas estruturas teóricas de cuja engrenagem se ocupa e se preocupa a epistemologia”.

Assim a relevância deste estudo se justifica ao pensarmos uma forma de promovermos aos sujeitos portadores de necessidades especiais, outras vias que os direcionem ao caminho do desenvolvimento de sua psique, que conforme Leontiev (2004) a consciência se compõe por sensações e sentidos atribuídos das representações que o sujeito possui do mundo, distinta de sua consciência interna, contribuindo assim, para o desenvolvimento do sentido de realidade.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa/intervenção, isto é; ao mesmo tempo em que colhemos os dados interferimos na realidade.

Os nomes das pessoas citados no estudo são fictícios, para resguardar sua identidade em obediência à ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) sendo também uma prática utilizada em pesquisas que envolvem seres humanos.

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa duas crianças, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino, com idades de 8 e 10 anos respectivamente, estudantes do Ensino Fundamental II de escolas da Rede Pública do Município de Osasco.

a) Telma tem a idade de 8 anos, cursando o 2º ano do Ensino Fundamental. Seus pais são casados e possui um irmão que tem a idade de dois anos. Sua mãe trabalha no período noturno, como operadora oficial de serra e possui o Ensino Médio completo. Enquanto seu pai trabalha durante o dia como porteiro e não terminou o Ensino Fundamental.

Telma foi encaminhada pela psicóloga que alega que a paciente possui um atraso global no seu desenvolvimento cognitivo, sendo encaminhada também ao neurologista. Conforme relatório do neurologista foi diagnosticado com ataxia cerebelar e imaturidade cognitiva.

A entrevista com os pais aconteceu com a presença de Telma. Segundo os pais, a gravidez de sua filha não foi planejada, já moravam juntos, mas ainda não eram casados legalmente, o que não era do conhecimento da avó materna da Telma. No princípio da gravidez, aos três meses de gestação, quando a mãe ainda não sabia estar grávida, ficou doente e foi submetida a uma injeção de besetasil. No ultrassom identificaram erroneamente uma criança do sexo masculino, os pais só descobriram ser uma menina após o nascimento. Conforme relato do pai, ao visitar a criança no hospital, lhe informaram ser uma menina, ao qual ele negou dizendo ser pai de um menino, mas quando concluiu que era aquilo mesmo, olhou para a

menina e decidiu chamá-la de Telma, por considerar ser um nome diferente. Telma nasceu de parto normal, com baixo peso, demorou a chorar com o aspecto da pele arroxeadada.

Quanto à amamentação, a mãe reclamou que ninguém a orientou como seria o procedimento do ato de amamentar. Reclamou que doía muito, sendo que por vezes a devido à intensidade da dor, induzia-a a apertar a Telma com toda sua força contra o peito, se esquecendo neste momento que ela era um frágil bebê e do perigo de machuca-la, absorvida no intento de aliviar a sua dor.

O desmame foi realizado quando a criança tinha um ano e três meses, conforme relato da mãe, que simplesmente lhe negou o peito e não o ofereceu mais, pois não aguentava mais praticar o ato de amamentar. Os alimentos sólidos foram introduzidos por intermédio da cunhada da mãe, aos cinco meses de vida da criança, pois a mãe tinha medo de oferecer o alimento à criança. Foi questionado aos pais o que a Telma gosta de comer, que responderam prontamente arroz, salada e ovo, mas a própria Telma, após ser indagada com a mesma questão, respondeu de imediato que gosta de salada de frutas. Os pais afirmaram que Telma ao comer o que gosta, não é necessária força-la ao alimento e que come sozinha faz um ano e meio, mas que derruba a comida.

Deixou as fraldas aos dois anos, por incentivo da mãe que a deixava só de calcinha. Sentou-se sem apoio aos seis meses, não engatinhou só se arrastava, com um ano ficava em pé se apoiando em algo. Os pais relatam que a incentivaram a andar enrolando uma fralda em seu corpo e a puxando. Ainda muito pequena, levou um tombo que teve como consequência um desmaio, atingindo superficialmente o lobo occipital.

Aos dois anos de idade perceberam que a perna dela encurtou e que havia um osso saliente em seu quadril, a levaram-na ao médico, que lhes informaram que deveria ser realizada uma cirurgia em seu quadril urgente, pois ela corria o risco de não poder andar. A cirurgia ocorreu de imediato, com uma longa recuperação e vários retornos aos médicos fisioterapeutas e ortopedistas.

Com três anos e um mês de vida Telma conseguiu dar os primeiros passos, com o incentivo dos pais e dos especialistas. Ela andou, mas até hoje sente insegurança de andar sozinha, sempre dá a mão para os pais, como medida de apoio e quando se vê sozinha para andar se desespera, sente medo, e corre, muitas vezes desequilibrando ocasionando assim vários tombos.

Sua entrada na escola foi a dois anos de idade, com muita alegria. Nos tempos atuais os pais relatam não possuírem um bom relacionamento com a escola. A carta que foi solicitada a escola pela psicopedagoga, com intuito de saber o nível de aprendizado e relacionamentos na escola, retornou com um bilhete escrito à mão pela professora de Telma com os seguintes dizeres “a aluna ainda não demonstra interesse em participar das atividades propostas”. Os pais suspeitam que a criança sofra *bullying* na escola por parte das outras crianças. Telma usa óculos com grau de 0,75, já teve pneumonia, tem insônia, é sonâmbula, range os dentes e como a mãe trabalha no período noturno, foge de seu quarto todas as noites, onde dorme com o irmão caçula para dormir na cama do pai. Percebe-se um grande apego de Telma com o pai, em que não saia do colo dele, sempre o acarinhando, sendo recíproca a atenção do pai, que argumenta dizendo que a filha precisa de atenção por ser extremamente medrosa.

b) Ulisses tem 10 anos, cursando o 4º ano do Ensino Fundamental. Seus pais são casados e possui dois irmãos, sendo filho caçula.

Foi encaminhado para a clínica pelo Neurologista, devido ao nervosismo, falta de atenção e dificuldade de aprendizagem. A mãe não sabe descrever qual o diagnóstico neurológico de Ulisses e nem

dos demais especialistas pelos quais já passou, justificando não entender nada do que dizem para ela, mas afirma que Ulisses não sabe nada, e que tem “problema na cabeça” e que o pai do paciente também é um pouco distraído.

Ulisses foi submetido à ressonância magnética do crânio, que revelou discreta atrofia encefálica difusa, definindo um quadro de deficiência intelectual moderada, de origem idiopática, podendo se relacionar a sequela de complicações perinatais, requerendo a dependência de responsáveis legais, para atividades diárias e assuntos de ordem civil, bem como consultas regulares nas especialidades de neurologia, psicologia, psicopedagogia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, para o desenvolvimento de sua capacidade cognitiva e necessita também de um assistente em sala de aula para supervisão das orientações pedagógicas.

INSTRUMENTOS

Para incentivar a interação e o vínculo, as atividades interventivas se apoiaram em alguns instrumentos como: jogos, lápis preto, lápis de cor, borracha, tinta, cola, revistas, apontador, giz de cera, cartolina, canetinha, tesoura sem ponta, folha pautada, sulfite, contos de fadas, Kraft, fita crepe, livros de histórias, jogos, fantasias, instrumentos musicais, fotos, brinquedos em geral e materiais desconstruídos.

PROCEDIMENTOS

Os atendimentos psicopedagógicos interventivos foram realizados em oito sessões semanais, com duração de uma hora. Na primeira sessão foi promovido o estabelecimento do vínculo entre o paciente e a terapeuta, através de jogos. Na segunda sessão foi realizada a sondagem da escrita, com o objetivo de verificação da hipótese de escrita dos pacientes. Na terceira sessão a consigna utilizada foi escutem os contos e produzam um desenho com o objetivo de trabalhar os conteúdos inconscientes dos pacientes. Na quarta sessão foi aplicada a atividade de contorno de letras, com o objetivo de estimular o paciente a repensar a sua hipótese de escrita. Na quinta sessão foi oferecido aos pacientes massas de modelar, com o objetivo de trabalhar o esquema corporal empobrecido dos pacientes. Na sexta sessão foi realizado o contorno do corpo dos pacientes, com o objetivo de trabalhar o esquema corporal empobrecido dos pacientes. Na sétima sessão os pacientes foram orientados a trazerem fotos pessoais, com o objetivo de ressignificação dos sujeitos e a possibilidade de novos esquemas. Na oitava sessão os pacientes foram encaminhados para a brinquedoteca da clínica, com o objetivo de trabalhar a imaginação lúdica empobrecida dos pacientes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira sessão, foi proposta a consigna para Ulisses: vamos jogar? Em seguida foram dispostos alguns jogos para a sua escola. Ulisses não escolheu nenhum jogo. Simplesmente olhava-me encantado repetindo continuamente o meu nome e dizendo que esperava ansioso para me conhecer. Ao final da sessão nos despedimos, mas combinamos que jogaríamos nas próximas sessões, pois:

O jogo possibilita à criança deficiente mental aprender de acordo com seu ritmo e suas capacidades. Há um aprendizado significativo associado à satisfação e ao êxito, sendo este a origem da autoestima. (Ide, 2008, p.89)

Na segunda sessão, Ulisses manteve a mesma postura da sessão anterior, repetindo o meu nome a todo o momento, mas quando propus a consigna escreva as palavras que eu vou ditar ele obedeceu prontamente. Foram ditadas as palavras: elefante, cachorro, ti-

gre, formiga, rã e na sequência a frase: O elefante pisou na formiga. Ulisses escreveu: ESABESW, ASBACIB, UISBASTISASR, SUSBCUT-PISKMITANCAU, UBCUJPMFTIENGAMUAB, ACTINTNEMAES.

O nível de escrita de Ulisses é pré-silábico. Conhece uma variedade de letras, mas a leitura é global, correspondência de todo com o todo gráfico, sem buscar correspondência entre as partes, cada letra ou símbolo gráfico vale pelo todo. Ferreiro (1985) diz que nesta fase a criança respeita duas exigências: que a quantidade de letras não pode ser inferior a três e a variedade entre elas não pode ser repetida.

Após a conclusão da sondagem da escrita foi sugerido ao Ulisses que desenhasse os animais que ele escreveu o nome. Ele desenhou e pintou o elefante, o tigre e a formiga.

A mãe de Telma novamente ligou avisando que a paciente ainda não estava melhor e que na semana seguinte ela iniciaria o tratamento.

Na terceira sessão foi realizada a leitura dos contos de fadas Cinderela, Branca de Neve, João e Maria, João e o pé de feijão, Rapunzel. Eles escolheram o conto da Branca de Neve.

Telma ouviu a estória, mas parecia não estar escutando. Nas aberturas para reflexão suas respostas eram descontextualizadas. Ao produzir o seu desenho no final contou a seguinte estória: A rainha e a branca de neve. A branca de neve está brincando com a rainha. Ulisses ouviu com atenção a estória. Mudando de posição quando era mudada a entonação da voz. Ao longo da leitura Ulisses pedia para desenhar um ônibus. Ao final da estória quando solicitei para desenhar o que ele gostou no texto, reclamou dizendo que queria era desenhar um ônibus. Mesmo assim ele produziu o desenho, olhando e copiando o desenho da Telma, e contou a seguinte estória: Branca de Neve, bola e menino. Em seguida realiza o seu intento e desenha um ônibus, contando a seguinte estória: Ônibus Vila Lourdes.

Ao lermos uma história ao invés de conta-la, oferecemos aos sujeitos em posição de escuta uma entrada prazerosa e livre na língua e na cultura, propiciando que o sujeito crie um espaço interno que pressupõe uma curiosidade quanto a possível contribuição que pode ser adquirida ao receber a fala do outro, oferecendo alternativas para o destino deste sujeito. Segundo Dowbor (2008, p.37) a escuta é tão importante quanto à fala, pois “[...] ambas, quando bem equilibradas, possibilitam o aprendizado do silêncio”.

No quarto encontro foi apresentada a consigna: sigam as linhas pontilhadas com o lápis. Imediatamente iniciaram a tarefa. Telma obedeceu prontamente a consigna, ficando satisfeita com o resultado. Ulisses se interessou pela atividade da Telma, procurando em todo momento interagir com a colega, perguntando-lhe se tinha irmãos, a sua idade, completando a sua tarefa rapidamente. Ao final da atividade perguntaram se podiam pintar os desenhos e foi dado o consentimento.

Na sequência propus atividades que trabalham o corpo e a coordenação motora. Brincamos de escravos de Jó, com uma bola imaginária e o jogo do andar com diferentes consignas como andar com as pontas dos dedos, com um pé só, com os calcanhares, marchando, etc.

Na quinta sessão, os pacientes foram orientados a modelarem com massa de modelar as partes do corpo determinada pela terapeuta. Ulisses a princípio não quis obedecer a consigna, dizendo que faria uma bola ao invés da cabeça. Depois, disse que precisava contar um segredo revelando que iria bater esmurrar e chutar o Mateus de sua escola, porque ele sempre o empurrava, representando com o corpo o que iria fazer com o menino. Expliquei para o Ulisses sobre as consequências de atitudes violentas e sugeri que ele modelasse o Mateus para que eu pudesse conhecê-lo. Ele concordou.

Telma teve dificuldades para entrar em contato com a massa. Depois de vencida sua resistência não conseguia modelar a forma redonda que seria a cabeça. Com o apoio e incentivo de Ulisses, Telma conseguiu concluir a sua atividade com sucesso.

Na sexta sessão foi solicitado que os pacientes deitassem sobre o papel Kraft para a realização do contorno dos seus corpos. Terminado o processo apresentei-lhes a consigna: você irá preencher o que está faltando no corpo. Ulisses não compreendeu. Levei-o até na frente de um espelho e começamos a especificar as partes do corpo. Voltando ao contorno de seu corpo ele começou a realizar a sua obra, perguntando o tempo todo se estava certo. Coloriu o seu contorno afirmando estar fazendo o seu short e a sua camiseta. Quando sugeri que fizesse o cinto ele disse que não usa cinto e que por isso não faria. Telma desenhou algumas partes de seu corpo, tendo um pouco de dificuldade somente nos cabelos.

Na sétima sessão Ulisses e Telma trouxeram fotos de várias fases da sua vida e foi lhes apresentada a consigna: Contem a sua história. Telma narrou os conteúdos de cada foto da seguinte forma: estava na piscina me molhando; é eu bebê; sou eu na cama da minha mãe, minha avó está aqui; eu com o meu tio Bruno; meu pai me segurando para anda; é meu pai levantando a mão dele; é eu no berço; eu comprei esta roupa na Bahia; é eu com o meu pai; eu no meu aniversário.

Ulisses contou a história das suas fotos: sou eu, estava fazendo este macarrão, tomate, cenoura, pimentão, cebola; Mateus e eu no cavalo; Ulisses comendo pera; minha mãe puxou meu cabelo, porque eu estava chorando, ela não deixou ir na moto da menina; eu estava escorregando; eu estava correndo, caindo e machucando, doe, não saiu sangue; eu estava sentado no colo com o Papai Noel; é o Mateus.

Após a apresentação das fotos foi dada a consigna: desenhem a capa para o livro da sua história de vida. Telma ficou revendo a suas fotos, rapidamente fez seu desenho e disse que já tinha acabado. Insisti para que continuasse e fizesse mais detalhes na capa. Relutante ela concordou. Ulisses produziu a sua obra, perguntando para a Telma se ela estava gostando, interessado em conversar com ela. A oitava sessão foi realizada na brinquedoteca foi apresentada a consigna aos pacientes: quero que vocês brinquem. Telma explorou os brinquedos, focalizando o fogãozinho e as painéis. Ficou bastante tempo na casinha. Convidou o Ulisses para brincar na casinha e aceitou a sua recusa. Explorou as fantasias gostando da peruca da Emília. Ulisses ficou empolgado, procurando o que fazer. Recusou-se brincar com a Telma, curioso com o ambiente a sua volta, explorando cuidadosamente. Resolveu brincar com um ônibus.

Segundo Leontiev:

O brinquedo é a atividade principal da criança, aquela em conexão com a qual ocorrem as mais significativas mudanças no desenvolvimento psíquico do sujeito e na qual se desenvolvem os processos psicológicos que preparam o caminho da transição da criança em direção a um novo e mais elevado nível de desenvolvimento. (Leontiev, 1998:89).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os sujeitos portadores de necessidades especiais por ser uma população estigmatizada estão mais propensos a declínios nos âmbitos de seu desenvolvimento intelectual e relacional.

Contudo podemos observar que no atendimento clínico interventivo, o processo de aprendizagem deve ser mediado com o auxílio do outro mais experiente, como reforça a teoria da zona de desenvolvimento proximal de Vygotsky (1991).

Através da dinâmica das atividades interventivas, que os sujeitos

analisados tiveram a oportunidade de se construir e se reconstruir por meio da interação com o outro, o suporte para o autoconhecimento, possibilitando novos esquemas para uma aprendizagem graduada e significativa.

REFERÊNCIAS

Dowbor, F.F. (2008) Quem educa marca o corpo do outro. São Paulo: Cortez Editora.

Ferreiro, E. & Teberosky, A. (1985) Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

IDE, S.M. (2008) O jogo e o fracasso escolar. In:; T.M. Kishimoto. Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. São Paulo: Cortez.

Leontiev, A. (2004) O desenvolvimento do psiquismo. Tradutor: Rubens Eduardo Frias. 2.ed. São Paulo: Centauro.

Leontiev, A.N. (1998) Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: L.S. Vygotsky, et al. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone.

Pain, S. (2007) Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Rio Grande do Sul: Artes Médicas.

Vygotsky, L.S. (1991) A formação social da mente. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda.